

COMUNICAÇÃO ORAL

AS TEORIAS PROGRESSISTAS - UMA PEDAGOGIA SOCIAL PARA UMA VERDADEIRA DEMOCRACIA

Renata Magalhães Frota Alves

A instituição escolar foi se tornando cada vez mais complexa a partir do Renascimento e Idade Moderna, determinando fatores importantes para a sua estruturação, como a separação de idades, a graduação em séries, a organização dos currículos, manuais didáticos e a produção teórica do professor. O movimento conhecido como *escola nova* surge então para propor novos caminhos a uma educação em descompasso, porque precisava se adaptar rapidamente às transformações ocorridas na sociedade, tendo que preparar o homem para uma sociedade dinâmica, onde todos poderiam ter acesso ao saber, promovendo assim uma ampla democratização. Esse movimento procurou então superar os mitos e dogmas da educação tradicional, cuja pedagogia se volta para o indivíduo, onde a criança deixa de ser o objeto da educação, para ser o sujeito, o centro do processo.

Alguns teóricos da educação viram a *escola nova* com otimismo, como instrumento de tornar iguais as chances para os indivíduos que pertenciam a classes diferentes. Por outro lado, diversos teóricos passaram a ver esse ideal da escola como ingênuo demais. Em suas obras, concluíram que ela não democratiza, mas sim reproduz as diferenças sociais, sendo uma instituição altamente discriminadora, que perpetua o *status quo*. Os críticos – reprodutivistas respaldaram as suas conclusões sobre a *escola nova*, no grande número de reprovação, repetência e evasão escolar.

Então, qual caminho a escola poderia percorrer para superar essa realidade? A pergunta ficou no ar e, os teóricos crítico-reprodutivistas, que haviam descoberto o caráter ideológico da educação escolar, silenciaram. Diante da postura negativista da descoberta, não havia como propor saídas antes de uma revolução social.

Nesse contexto, as teorias progressistas surgem como a busca de outros caminhos, a partir de uma nova concepção de educação. É um movimento recente e possui nuances as mais diversas. Os teóricos se autodenominam, como também classificam as teorias de maneiras diversas.

O presente trabalho tem como objetivo transmitir informações sobre as teorias progressistas, mostrando que, de forma dinâmica, tem mostrado possíveis saídas para a educação escolar, com propósitos de romper as barreiras da ideologia e alcançar o objetivo de uma educação libertadora e cidadã.

A metodologia utilizada para a realização do mesmo foi pesquisa, diálogo com docentes na área de Filosofia, Didática e tendo também o aval da Coordenadora do Curso de Pedagogia, Professora Maria do Carmo.

Podemos afirmar que as teorias progressistas procuram superar as teorias reprodutivistas e construir uma pedagogia social e crítica. Significa dizer que, assim como a escola é o local da reprodução das diferenças sociais, ela pode ser o local da ruptura, da socialização do conhecimento elaborado, da possibilidade de lidar com as desigualdades sociais e problematizar a realidade, rompendo com a

ideologia, trazendo à luz uma consciência crítica, a respeito das práticas sociais. E para que a escola seja mais crítica, é necessário um investimento na formação do professor. É preciso que ele esteja aliado à competência técnica e com a prática transformadora social. É preciso que ele não só transmita conhecimento, mas que o traga à realidade vivida por seu aluno. Antônio Gramsci vislumbra bem o professor progressista, quando diz que ele é o “novo intelectual” capaz de transmitir as noções científicas, mas que tem consciência filosófica e política de seu dever e da importância da sua ação. Para Gramsci, o professor que não tem tal consciência e competência pedagógica é medíocre, pois consegue apenas que seus alunos sejam mais cultos, sem uma perspectiva transformadora de sua realidade.

Dentre os progressistas brasileiros destacam-se Paulo Freire com a pedagogia da autonomia, ou a pedagogia do oprimido ou pedagogia libertadora, que consiste em uma educação voltada para a conscientização da opressão e uma conquista consciente de uma ação transformadora. Para ele não há docência sem discência, o aprender antecipa o ensinar, que este exige uma compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo e uma apreensão da realidade e de que é possível reinventar a forma histórica de lutar por uma sociedade mais justa. O professor progressista deve aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com as diferenças, a nutrir uma amorosidade aos educandos, visando a um processo formador de respeito mútuo e de luta.

Ouros progressistas brasileiros, Dermeval Saviani, João Carlos Libâneo, destacam-se na tendência “progressista crítico – social dos conteúdos”. Nessa linha a escola é valorizada como o local de aquisição dos conteúdos que devem ser aprimorados de forma crítica e socializadora.

Concluimos, portanto, que as teorias progressistas surgiram para dar um norte à educação, em meio a tanto negativismo levantado sobre a mesma. E sem a pretensão de cair no idealismo de ver na escola a solução dos problemas, de se negar a ficar de braços cruzados, mas lutar por uma escola mais crítica.

Referências

- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.
- ARANHA, M. L. A. **história da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- CORBISIER, R. C. de A. **Introdução à filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.